

# Moçambique -- África do Sul

## Acordados princípios fundamentais

Num gesto que mereceu a atenção de toda a Comunidade Internacional e as primeiras páginas da imprensa mundial, o Presidente Samora Machel recebeu, na passada segunda-feira, em Maputo, os Ministros dos Negócios Estrangeiros, da Lei e Ordem e da Defesa da

África do Sul. No encontro, foi entregue uma mensagem do Primeiro-Ministro Botha ao líder moçambicano que definiu os «princípios da paz, estabilidade, progresso e boa vizinhança», como estando na base das negociações entre os dois Estados.

Na continuação dos contactos ministeriais iniciados em Dezembro de 1982, quando delegações de Moçambique e da África do Sul se encontraram em Komati-poort, teve lugar na passada segunda-feira em Maputo, uma nova sessão de conversações.

Num comunicado emitido ao fim do dia e para além de se dar relevância ao facto de três membros da delegação sul-africana terem sido recebidos pelo Presidente Samora Machel, saliente-se que foram acordados «princípios fundamentais relativos a questões de segurança entre os dois países», exprimindo-se a «intenção de se chegar a um acordo formal sobre esta matéria».

A exemplo do que acontecera nos encontros havidos no passado dia 16 de Janeiro, desta vez foram também discutidas questões relacionadas com Assuntos Económicos, Cahora Bassa e Turismo, embora seja de referir que o assunto Segurança bilateral e regio-

nal tenha sido, uma vez mais, o centro das discussões havidas, conforme nos foi afirmado por elementos ligados a ambas as delegações.

Para a delegação sul-africana, foi contudo o «gesto do Presidente Samora Machel, o elemento mais positivo dos contactos até agora havidos», havendo certeza de que «o seu envolvimento nas negociações pode viabilizar mais rapidamente soluções locais sem a necessidade de se recorrer a terceiras partes, estranhas à região», como nos disse um funcionário do regime de Pretória.

A importância dada pelos sul-africanos a este «gesto», e que foi claramente manifestado no momento em que tomaram conhecimento do sucedido, baseia-se no «reconhecimento pelo papel que sabemos ter jogado na solução do problema rodesiano, e por aquilo que está a fazer para se encontrar uma solução pacífica na costa ocidental da África Austral», acrescentou-nos a mesma fonte.

Entre os diplomatas estaciona-

dos em Maputo, e a exemplo do que sucedeu ao nível dos principais meios de informação mundiais, a audiência concedida aos ministros da África do Sul pelo Presidente Samora Machel, foi tomada como um sinal indicador da possibilidade de se alcançar a paz nesta região, relacionando-se este acontecimento com as declarações de Pik Botha, Ministro dos Negócios Estrangeiros de Pretória, que disse haver «intenção em se assinar um acordo sobre segurança, tão cedo quanto possível».

A atmosfera de optimismo que entretanto se tem estado a gerar sobre o futuro da África Austral, e que se pode também relacionar ao acordo alcançado a semana passada em Lusaka entre Angola e a África do Sul, (ver pág. 34) tem como um dos seus elementos básicos a «atitude regular e homogénea da a c t u a ç ã o sul-africana desde que iniciaram estes contactos mais recentes», como nos confidenciou um diplomata ocidental na passada terça-feira.

Anteriormente e no que diz res-

peito às negociações sobre a Namíbia, a África do Sul por diversas vezes «deu o dito por não dito», sobre assuntos já acordados. Em Genebra, aquando da Conferência sobre a Namíbia, os sul-africanos fizeram abortar a solução do problema, alegando que as Nações Unidas eram parciais, para posteriormente introduzirem a teoria do «linkage» como forma de impedirem a actuação construtiva do Grupo de Contacto na Namíbia.

A presença na segunda-feira, em Maputo, de praticamente todos os membros do Conselho de Segurança de Estado da África do Sul, o órgão que decide a estratégia militar e económica do país, pode, neste quadro, ser igualmente tomado como sinal de uma no-

teceu em anos anteriores, a actuação sul-africana parece ser a de aproveitar o melhor possível o tempo disponível, em vez de procurar ganhar tempo. Isto, aliás, foi-nos confirmado por um sul-africano que nos disse haver entre a população branca do seu país «uma grande expectativa, de que através destas conversações se possa pôr de lado a ameaça de guerra na África do Sul».

Definindo as conversações com Moçambique como «assunto mais quente», pelas ligações que existiram entre os dois países no passado, um jornalista de um jornal em língua Afrikaans, disse-nos que ao contrário do que acontecia «há dois anos, o Primeiro-Ministro (Botha) tem hoje mais poder e so-

ção tendente a envolver toda a África Austral — funcionários do Departamento de Estado afirmam que os contactos com o Presidente Samora Machel ajudaram na correcção desta estratégia —, tem também vindo a ter uma enorme influência sobre o modo de operar da África do Sul.

Segundo nos foi afirmado, quando Chester Crocker se encontrou em Novembro passado em Roma com o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Pik Botha, deu-lhe claramente a entender que o seu governo não poderia estar continuamente a desgastar a sua imagem nas Nações Unidas e perante a própria opinião pública americana, por causa da política agressiva sul-africana na África Austral.

O poder de decisão e controlo que o regime de Pretória tem sobre os bandidos armados que actuam na região, para servir a sua estratégia destabilizadora, e que nas afirmações de um jornalista sul-africano à BBC de Londres, «é sem dúvida maior do que aquele que tem Moçambique sobre o ANC», foi outro dos argumentos que se afirma ter sido utilizado para «persuadir a África do Sul a aceitar que poderia ter um papel determinante na reposição da estabilidade e de um clima que deixe de pôr em causa os interesses ocidentais na região».

Paralelamente, o estado de crise económica generalizada que se vive na África Austral, agravado pela seca e pelas recentes cheias, e ao qual a própria economia sul-africana não é estranha apesar do seu desenvolvimento, também tem sido tomado como uma das razões necessárias à alteração do presente clima de instabilidade.

Não é no entanto de ignorar que o presente processo de negociações, com a maior ou menor dose de optimismo que o possam rodear, não está ainda a debater a questão central da instabilidade para esta região do Continente Africano. Contudo, e conforme nos têm confirmado pessoas ligadas à iniciativa americana, do «sucesso destes primeiros passos, poderá depender aproximarmos do centro do vulcão para o apagar».

Alves Gomes



Presidente Samora Machel recebendo os Ministros dos Negócios Estrangeiros, da Lei e Ordem e da Defesa da África do Sul no passado dia 20 em Maputo — «um gesto que mereceu a atenção da Comunidade Internacional e as primeiras páginas da imprensa mundial»

va atitude. Com efeito e à excepção do Primeiro-Ministro Botha e do Chefe do Exército, General Viljoen, todos os membros do Conselho de Segurança de Estado participaram nas conversações que tiveram lugar em Maputo.

Sinal de relevo para a importância das conversações havidas no nosso país, parecem ser a presença de Chester Crocker na África do Sul que, depois do encontro de Lusaka, não quis partir para os Estados Unidos sem se inteirar dos resultados do diálogo Moçambique/RAS. Por outro lado, e ao contrário do que se tinha chegado a noticiar, a delegação sul-africana partiu de Maputo directamente para o Cabo, onde na terça-feira se reuniu o Conselho de Ministros.

Bem ao contrário do que acon-

teceu menos contestação dos sectores mais radicais da comunidade (boer) para se lançar neste tipo de aventura».

Contudo o mesmo jornalista também nos disse definir a perspectiva da redução das relações económicas com o Ocidente, «em especial os Estados Unidos, onde nos próximos dias o Congresso vai debater medidas económicas a serem aplicadas contra a África do Sul», como um elemento que certamente jogou com pressão para que o governo negociasse a paz».

A alteração da estratégia americana do «engajamento construtivo», inicialmente suposta para contemplar somente a África do Sul e a questão da Namíbia, e que agora se apresenta como uma ac-